

FICHA TÉCNICA

Peça- Caixa de Luz

Texto e direção- Carlos Wladimirsky

Atores- Rosângela Dutra Vieira

Ana Luiza dos Santos Julio

Paulo Henrique Arnt Fernández

Paulo Vicente Lima

José Antonio Souza

Cenário- Rogério Nazari

Norma correa

Maquilagem- Delmar Machado

Figurinos- Simone Michelin Basso

Iluminação- Carlos Wladimirsky

Personagens: Pai
Mãe
Agnus
Criada
Irmão

Cantiga

De tudo que queima
que arde
que se alastra como peste
Tremendo nos músculos
tremendo no fogo
purificando a terra.

Por tudo que vive
que cresce
que morre
Vai ser um dos nossos
com dentes afiados
e unhas curvas de féra
exercitando o poder
te entregando
te enbriagando de todo poder
Vai ser um dos nossos, não vai?

O irmão de Agnus, começa a repetir um movimento continuamente, forma uma roda em volta de si, sorri um pouco, e assim continuamente.

Pai- És um idiota mesmo, sempre faz tudo ao contrário.
Viste, é assim que se faz.
Agora traga teu irmão.

Agnus é colocado na roda, eos três repetem o mesmo movimento.

O irmão e a criada pronunciam as palavras:

Submeter-se

Corromper-se

Deconpor-se

Render-se

Abater

Domesticar

Enfraquecer

Ceder

Obedecer

Encolher

Pai- Agnus meu filho, vou te ensinar o que de mais importante um homem deve aprender.

- Repita conosco, repita.

O que faço é para o bem da humanidade

Para o bem da raça humana

Com tua dor aliviamos a consciência humana

Deus assim quis.

Pai- Aprendeste?

Agnus- Sim, creio que sim.

Irmão- Duvido.

Pai- Já vamos ter certeza

Criada, venha aqui.

Criada- O senhor chamou?

Pai- Te abaixa no chão.

Filho, de o chicote a Agnus.

Agnus monta nas costas do irmão, e começa a chicotear a criada, a criada desvia-se do local.

Agnus- Me desculpa. Não queria te assustar não sei o que fiz.

Criada- Eu não me assusto, já estou acostumada, fui criada para ser adaptada a vontade de meus superiores.

Por isto não te preocupe, no início vocês pedem desculpa, e depois se deitam nas costas que o chicote marcou. Sempre é assim, primeiro comem de frente, e depois vão por trás.

Aguardo o dia em que minha língua não vai mais ser obrigada a lambar teus chicotes, nem tuas virilhas, um calor vai de desprender pelo corpo, se espalhando pelo sangue, é quando a temperatura sobe, as pupilas tornam-se amarelas, o corpo passa a sentir tremores, a espinha se alarga, as unhas crescem, a pele se cobre de pelos, e finalmente o uivo é dado.

Agnus- Mas voce me desculpa?

Criada- Mas qual é a tua? Vem dar uma de santinho pra cima de mim. Os santos já morreram, se eu pudesse mataria vocês todos, e teu corpo de santo metido a besta seria o primeiro a se dividir pelo chão.

Mãe- Mãos sentem o que olhos não veem, respiração que não cessa, suor que nada desprende, coração que não esquece, boca que não beija, ferida que não se abre, vida que se extermina. E o vento continua a bater nas faces desmanchando-se em lágrimas, em frente a linha do horizonte, em frente de mim, de mim para mim, aguardando a tempestade.

Pai- As relações do homem baseam-se na luta, na troca de poder, enquanto populações são domesticadas ou exterminadas pela tecnologia, povos primitivos praticam o suicídio coletivo na tentativa de burlar o destino humano.

Irmão- O que o senhor fala não faz sentido.

Pai- Nada faz mais sentido, deixamos de pertencer ao prazer, ao poder, só a morte tem sentido, ela é a medida exata de todas as coisas.

Irmão- Estamos sonhando.

Pai- O sonho não começou, estamos na pré-história do sonho.

Os personagens matam Agnus, e se retiram de cena.